

## PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

Cláudia Mendes Nina  
**A PALAVRA USURPADA**  
Coleção Memória das Letras, 15  
2003, 184p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

**EDIPUCRS**  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
Caixa Postal 1429  
90619-900 - Porto Alegre – RS/BRASIL  
[www.pucrs.br/edipucrs/](http://www.pucrs.br/edipucrs/)  
E-mail [edipucrs@pucrs.br](mailto:edipucrs@pucrs.br)  
Fone/Fax: (51) 3320.3523

# A relação forma-sentido em construções possessivas\*

Antonio Pamies  
Universidad de Granada, Espanha

## 1 Introdução

A gramática tradicional, de forma implicitamente semasiológica, denomina *posse* toda relação marcada por uma forma possessiva. Isso é uma falsa tautologia, se considerarmos a heterogeneidade contida nesse conjunto, o que pode acarretar a negação da categoria, como o fez o formalismo estruturalista (p. ex. Pottier 1963, p. 32; Costa Olid, 1981, p. 23). Zimek (1960) propôs uma distinção entre "posse no sentido lato", definida como qualquer relação que se expresse pelo verbo *mít* ("ter", em checo) e a "posse no sentido estrito", definida como "propriedade" (ing. *ownership*, esp. *pertenencia*; fr. *appartenance*; rs. *vladenue*). Mas, nesse caso, se poderia deduzir que as sensações, como a *fome* ou o *medo*, seriam "possuídas" em checo ou em português (*mít hlad*, *mít strach*, *ter fome*, *ter medo*), mas não em inglês ou russo, línguas em que não ocorrem *\*to have hunger*, *\*to have fear*, *\*иметь голод*, *\*иметь страх*. A definição por meio do verbo *ter* volta a ser circular, e sem validade translíngua. Aliás, muitas línguas não têm verbo equivalente a *mít* (cf. Heine, 1997), e, como observam Herslund e Baron (2001, p. 1) *no form or construction in any language conveys exclusively what everybody would agree on identifying as possession*.

A lingüística tipológica, cujos critérios são necessariamente onomasiológicos, usa os conceitos metalingüísticos de *posse inalienável* e *posse alienável*, oposição aplicada inicialmente às línguas austronésias (Lévy-Bruhl, 1914; Lynch, 1973), mas que se manifestaria também em outras famílias lingüísticas (cf. Bally, 1926; Ni-

\* Este trabalho foi apresentado no III Congresso Internacional da ABRALIN, no Rio de Janeiro, a 15 de março de 2003.

chols, 1988; Chapell e McGregor, 1996). A *inalienabilidade* (INAL) é uma relação inerente, necessária e não adquirida, entre uma pessoa e outras entidades, quer o próprio corpo, quer os familiares, enquanto a *alienabilidade* (ALIEN) é uma relação contingente, adquirível e até mesmo controlável, entre uma pessoa e determinados objetos. O uso de diferentes meios morfológicos (justaposição vs. genitivo) para marcar a oposição INAL/ALIEN é freqüente não só nas línguas austronésias, mas também em muitas línguas americanas.

[1] *lakhota ma si* (\*eu pé) "o meu pé" ≠ *mit<sup>ha</sup> šyka* (\*eu+GEN cavalo) "o meu cavalo" (Mithun: 2001:299); *zapoteco ñee-be* (\*pé-ele) "o seu pé", *bixhoze-be* (\*pai-ele) "o seu pai" ≠ *xh-xin-be* (\*POSS-rede-ele) "a sua rede" (Pickett e Black, 1998); *seri hi-lít* (\*eu-cabeça) "a minha cabeça"; *hi-nyáac* (\*eu-irmão+maior) "o meu irmão+maior" ≠ *enim ihyáa* (\*faca eu+possuir); "minha faca" (Marlett 2001).

Algumas línguas, apesar de terem esta capacidade de distinguir entre *posse alienável* e *inalienável*, usam-na só para um grupo particular de substantivos, para desambiguar os casos nos quais ambas as relações seriam semanticamente possíveis. Assim, o *nahuatl* não usa normalmente formas possessivas diferentes para o corpo e os objetos possuídos, mas aplica a distinção INAL/ALIEN para "a minha carne", a fim de desfazer ambigüidades.

[2] *nahuatl no-kxi* ("o meu pê"), *no-kal* ("a minha casa"), vs. *no-naka* "a minha carne (para comer)" ≠ *no-naka-yo* "a minha carne (própria)" (Bautista e Hasler 2000); *pipil nu-nakaw* "a minha carne (própria)" ≠ *nu-naka-yu* "a minha carne (para comer)" (Campbell, 1985).

O conjunto de relações tão diversas constitui o que a lingüística considera geralmente como *posse*, conceito que abrange assim muito mais do que a simples propriedade (Clark, 1978; Hagège, 1996; Haiman, 1985; Dahl e Koptevskaja-Tamm, 1998). A questão de que queremos tratar é a de como e por quê as línguas permitem a passagem conceitual de uma subcategoria a outra, e a de como a *posse* pode, além disso, abranger uma quantidade de outras relações, que não correspondem nem a INAL nem a ALIEN, como *minha universidade*, *minha opinião*, *minha fome*, *meus alunos*, *meu trabalho*, etc. Uma das tentativas mais ambiciosas de responder a essas perguntas vêm da Lingüística Cognitiva, que postula a existência de um conceito ampliado e "abstrato" de *posse*, cujo âmbito se estende por projeção metafórica (Langacker, 1991, 1995; Nikiforidou,

1991; Taylor, 1996; Heine, 1997). O problema seria então saber qual é o seu ponto de saída, isto é, o que Lakoff e Johnson chamam "domínio fonte" (*source domain*), e qual o ponto de chegada, "domínio alvo" (*target domain*) dessa "projeção" de um conceito sobre outro (*conceptual mapping*). Simplificando, teríamos duas perguntas bem claras: (a) as línguas tratam ALIEN como se fosse INAL, ou ao contrário? (b) as línguas tratam o que não é possuído como se fosse possuído, ou vice-versa?

Para Nikiforidou (1991), a posse seria uma *polissemia estruturada, coerente e motivada*, cujos diferentes significados estariam interconectados por metáforas, de maneira que a *propriedade*, por ser uma base mais concreta, universal e *auto-evidente* do que outras relações, seria o domínio fonte na representação subjacente ao conteúdo semântico de qualquer tipo de genitivo. A projeção metafórica iria assim *desde o alienável para o inalienável*, e, segundo essa autora, as línguas que expressam a posse da mesma forma para *meu nariz* e *meu carro* estariam tratando as partes do corpo como se fossem possuídas.

Em contraposição, para Heine (1997), a evolução histórica das atuais formas possessivas demonstraria o trajeto exatamente inverso. A localização espacial, cognitivamente mais concreta e "primária" do que a propriedade, precedeu a posse: as formas possessivas derivam muitas vezes de formas locativas, nunca o inverso. Assim, nas línguas em que se expressa a posse em *meu carro* como em *meu nariz*, se estaria tratando os objetos possuídos como se fossem partes do corpo, isto é, o alienável como se fosse inalienável.

Langacker (1991) considera que a posse é um *Modelo Cognitivo Idealizado*, que ele chama *abstract possession*, cuja função seria a localização de um objeto (*possessionum*, ou *PSM*) com relação a um ponto de referência externo (*possessor*, ou *PSR*):

[...] salient objects serve as reference points for this purpose: if the viewer knows that a non-salient object lies near a salient one, he can find it by directing his attention to the latter and searching in its vicinity [...]. Abstract possession is simply the relation [...] in which the conceptualizer traces a mental path through the reference point to the target; the reference point P constitutes the possessor, and the target, the entity possessed (Langacker, 1991, p. 170-171).

Esta disparidade diametralmente oposta de opiniões num mesmo enfoque é tanto mais paradoxal quanto as projeções seriam – por definição – *assimétricas* e *unidirecionais*, porque vão desde o emergente para o não-emergente, como afirmam explicitamente tanto Nikiforidou (1991, p. 166) quanto Heine (1997, p. 94), e tam-

bém os líderes filosóficos daquela escola<sup>1</sup> (Langacker, 1991, p. 168; Lakoff, 1987, p. 280). Levando isto em conta, essas duas teorias seriam mutuamente incompatíveis. No entanto, os dados mostram argumentos empíricos que, para nós, seriam favoráveis a ambas (cf. Pamies, 2001, 2003), não obstante a coerência interna de cada uma das hipóteses.

## 2 Metáforas “a partir de” outros domínios

Há casos em que uma relação de posse, inalienável ou não, é expressa por analogia a algo alheio a esta noção, como a locatividade, a benefactividade, a transitividade, a tematização, que denominamos *posse pseudo-locativa*, *pseudo-dativa*, *pseudo-transitiva*, etc. Citamos aqui só as duas mais importantes: a pseudo-locativa (PSR É UM LUGAR) e a pseudo-benefactiva (ou pseudo-dativa – PSR É UM DESTINATÁRIO).

### 2.1 Posse pseudo-locativa

Isačenko (1974), Clark (1978) ou Hammarberg e Koptjevskaja-Tamm (2003), entre outros, têm argumentado em favor de uma derivação de posse a partir da localização, fazendo um paralelismo entre a evolução histórica das formas e a relação semântica entre esses dois tipos de significado. De fato, ainda hoje, muitas línguas de diversas famílias usam formas locativas com valor possessivo:

[3] **russo** у меня (есть) дом (\*perto de mim [está] casa) “tenho uma casa”; **sueco** kinden på Lisa (\*maçã-do-rost+a sobre Lisa) “a maçã-do-rost+da Lisa”; **väggarna på en kyrka** (\*muros+os sobre igreja) “os muros da igreja” (Koptjevskaja-Tamm [2000]); **danês** hun vred armen om på ham (\*ela torceu braço sobre ele) “ela lhe torceu o braço [a ele]” (Herslund e Baron, 2001, p. 19); **irlandês** an chathaoir seo ag Peadar (\*a cadeira está a/em Pedro) “Pedro tem uma cadeira”; **búlgaro** kniga-ta na moja-ta majka (\*livro-o a/sobre minha-a mai) “minha mai tem o livro” (Koptjevskaja-Tamm, 2000); **hindi** larkee kee paas kuttaa hai (\*menino OBL cercanias cachorro está) “o menino tem um cachorro” (Heine, 1997:68); **húngaro** a házon van tető (\*a casa+sobre está telhado) “a casa tem telhado” (Heine, 1997, p. 108, 111); **estoniano** isal on raamat (\*sobre pai está livro) “o pai tem um livro” (Lehiste, 1969, p. 325); **turco** bende kitap var (\*eu+em livro

<sup>1</sup> “[...] semantic compositionality requires a starting point -something for the compositional principles to work on. That starting point has to be something that is directly understood; in this case, basic-level and image-schematic concepts will do” (Lakoff, 1987, p. 280).

existe) “eu tenho um livro” (Heine, 1997, p. 51); **telegu** pennu va:di-ki undi (\*caneca ele+a/em é) “ele tem uma caneca”; **iddau** pillalu na:ku unna:ru (\*dois filhos mim a/em están) “tenho dois filhos” (Heine, 1997, p. 93); **fijiano** e sega tu vei au na ilavo (\*PRED não estar perto eu o dinheiro “não tenho dinheiro” (Heine, 1997, p. 51); **ik** [filo nilo-sahariano] iá hoa nci-k’ (\*existe casa a+mim) “tenho uma casa” (Heine, 1997, p. 64); **any** [nilo-sahariano]; **yàa** jir-a: dá gwel (\*sim, a+mim existe dinheiro) “sim, tenho dinheiro” (Heine, 1997, p. 67); **ewe**: [kwa, Niger-Congo]; **ga** sia é lii nám (\*dinheiro este TOP existe a+mim) “tenho dinheiro, **ga** le Kofi si (\*dinheiro estar+em Kofi mão) “Kofi tem dinheiro” (Heine, 1997, p. 124); **purépecha** wári šanitšu anapu (\*mulher Janitzio originária) “a mulher do Janitzio” (Chamoreau 2003); **Juánu** kepé-ts’i-ku-t’i **Pédru-ni** (\*João quebrar-cabeça-RELOC-PRES-3p Pedro-a) “o João lhe quebrou a cabeça ao Pedro”; **tumpí** tóu ma sinta-y jó-ts’i-ku-t’i (\*menino touro uma fita-N amarrou-cabeça-RELOC-PRES-3p) “um menino atou uma fita nos cornos do touro” (Monzón 2003).

### 2.2 Posse pseudo-benefactiva (ou pseudo-dativa)

Em muitas línguas abundam os exemplos de estruturas com dativo ou benefactivo onde o PSR aparece como se fosse o destinatário ou o beneficiário do PSM.

[4] **latim** mihi sunt capilli nigri (\*me[DAT] são cabelos negros) “meus cabelos são pretos” (Bally 1926); **mihi** concubina quae sit (\*me[DAT] que é concubina) “que é a minha concubina” (Plauto [cit. Seiler, 1983, p. 43]); **liber est Johanni** (\*livro é João[DAT]) “o livro é do João” (Bolkenstein 1983); **folia arbori decidunt** (\*folhas árvore[DAT] caem) “as folhas da árvore estão caindo” (Plínio [cit. Bolkenstein 2001:275]); **romeno** el mi e frate (\*ele me[DAT] é irmão) “ele é meu irmão” (Herslund e Baron, 2001); **francês** le père à Jean (\*o pai a João) “o pai do João”; **cette voiture est à Jean** (\*este carro é a João) “este carro é do João”; **polonês**: **włosy** mu posiwialy (\*cabelos lhe tornaram-se+cinzentos); **nos ci sie blyszczy** (\*nariz te[DAT] está brilhando) “teu nariz está brilhando” (Wierzbicka, 1988, p. 177); **serbocroata** on mi je brat (\*ele me[DAT] é irmão) (Herslund & Baron 2001); **húngaro** a férfiaknak a házauk (\*os homens+DAT a casa) “a casa dos homens”; **Peternek van votkája** (\*Pedro+DAT é vodka) “Pedro tem vodka”, **nekem van macskám** (\*me+DAT é gato) “tenho um gato” (Heine, 1997, p. 27, 31, 60); **kashmir** Śīlas Chu dōd (\*Sheela+DAT é leite) “Shila tem leite” (Heine, 1997, p. 59); **tamil** ena-kku oru nalla naay irrukiratu (\*me+DAT um bom cachorro é) “tenho um bom cachorro” (Heine, 1997, p. 59); **malayalam** avan oru

*vit unt* (\*lhe+DAT una casa é) "ele tem uma casa" (Heine, 1997, p. 59); **japonês** *Taroo ni kodomo ga iru* (\*Taroo DAT filho ser+PRES, "Taroo tem um filho") (Tsunoda, 1996, p. 569); **aranda** [pamanyungano]: *Tobyke alere* (\*Toby+DAT filho) "Toby tem um filho" (Heine, 1997, p. 147); **pipil** *ne ihyak naka-t pal ne masa:t* (\*a pestilente carne DAT gamo) "a pestilente carne do gamo" (Campbell, 1985); **tzeltal** *'ay tak'in ku'un* (\*há dinheiro eu+para) "tenho dinheiro" (Hinman Smith 1999); **tzotzil** *ku'un li ka' e* (\*eu+para cavalo) "o cavalo é meu" (Haviland, 1999); **palikur** *inin kagta ndahan* (\*este livro eu+para) "este livro é meu" (Launay, 2001).

Nas frases predicativas mais complexas, se manifestam ainda mais esses fenômenos, especialmente na chamada "posse externa" (porque "promove" o PSR a argumento verbal) (cf. König e Haspelmath, 1995), que o gerativismo analisa como transformação da estrutura possessiva em construção dativa (*possessor ascension*) (cf. Velázquez, 1996), naturalmente, sem provas empíricas da "anterioridade" da posse. Do ponto de vista semântico-cognitivo se poderia explicar como uma metáfora gramaticalizada na qual o PSR aparece com se fosse um destinatário da ação que afeta o PSM. O modelo prototípico dessa construção é uma ação cujo objeto direto é uma parte do corpo, e com o PSR em dativo, o que fez pensar numa eventual relação dessa forma gramatical com a inalienabilidade (cf. Chappell e McGregor, 1996; Dahl e Koptevskaja-Tamm, 1998, 2001):

[5] **romeno** *spalã-ți mâinile* (\*lava te+DAT mãos+as) (Manoliu-Manea, 1996); **alemão** *er hat sich das Bein gebrochen* (\*ele tem se+DAT a perna quebrado);<sup>2</sup> **francês** *il s'est cassé la jambe* (\*ele se+DAT é quebrado a perna); **italiano** *si è rotto la gamba* (\*se+DAT é quebrado a perna); **espanhol** *se rompió la pierna* (\*se+DAT rompeu a perna); **checo** *zlomil si nohu* (\*quebrou se+DAT perna+ACC); **esloveno** *zlomil si je nogo* (\*quebrou se+DAT é perna+ACC); **polonês**: *Jan zlamal sobie noge* (\*Jan quebrou a+ele+mesmo[DAT] perna+ACC) (Wierzbicka, 1988); **lakhota** *itê wa-kiči+yu-žaža* (\*rosto eu Ø+BENEF tirando-lavando) "lhe lavei o rosto dele"; *ph<sup>h</sup>ej wa-ki-ka-šla* (\*cabelo 1ps.+AG Ø DAT calvo) "estou cortando o cabelo dele" (Mithun, 2001, p. 301-306); **tzotzil** *ku'un li ka' e* (\*eu+para cavalo) "o cavalo é meu" (Haviland, 1999); **tzeltal** *'ay tak'in ku'un* (\*há dinheiro eu+para) "tenho dinheiro" (Hinman Smith, 1999).

<sup>2</sup> Os exemplos sem indicação de fonte bibliográfica são do nosso próprio corpus multilingüe, obtido com questionários preenchidos por falantes nativos com estudos universitários, cuja colaboração agradecemos.

Mas há línguas em que também a posse de objetos alienáveis pode ser expressa por meio dessa construção, o que contradiz claramente uma eventual equação entre dativo e inalienabilidade, pelo menos nessas línguas.

[6] **português** *quebrou-me o jarro*; **espanhol** *me rompió el jarrón*; **italiano** *mi ha rotto il vaso*; **alemão** *er hat mir die Vase kaputtgemacht* (\*ele tem me+DAT o jarro quebrado); **russo** *он мне разбил вазу* (\*ele me+DAT rompeu jarro); **checo** *rozbil mi váza* (\*ele eu+DAT rompeu jarro); **basco** *pitxerra hautsi zidan* (\*jarrão+ART romper ERG3ps.+ABSOL-OBJ+DAT1ps.); **bereber** *rifenho jarz aji a yaraf* (\*rompeu me+DAT jarro); **árabe dialetal marroquino** *hrrresli l'vaz* (\*rompeu+me+DAT ART+jarro); **chinês** *tā gēi wō bā guānzi dāsui le* (\*ele a(OBJ.LIND.) eu jarro romper PAS); **lakhota** *šuka-wąqka wa ki-te* (\*cavalo Ø DAT+morrer) "o cavalo dele morreu" (Mithun 2001:295).

Além disso, línguas que não permitem a posse externa com objetos alienáveis também não permitem com os termos de parentesco, o que torna ainda mais discutível a relação determinista entre inalienabilidade e posse externa. Em inglês e francês seriam hoje antigramaticais frases como \**wife died to him* ou \**la femme lui est morte*; no entanto, que a "promoção" do PSR é perfeitamente possível em línguas que admitem essa construção com objetos alienáveis:

[7] **português** *morreu-lhe a mulher*; **espanhol** *se le murió la mujer*; **russo** *они ему убьили жену* (eles lhe mataram mulher+ACC) "alguém matou a mulher dele" (Wierzbicka 1998); **polonês**: *Matka mi umarla* (\*mai me[DAT] morreu) (Wierzbicka 1998); **checo** *Petrovi umřela maminka* (\*Pedro+DAT morreu mai); **esloveno** *Petru je umrla mati* (\*Pedro+DAT morreu mai); **alemão** *Peter ist die Mutter gestorben* (\*Pedro+DAT é a mai morta); **basco** *Pedrori ama hil zaio* (\*Pedro+a mai morrer PAS+DAT+3p); **japonês** *Peter ni haha ga nakunarareta* (Pedro DAT mai SUBJ morreu).

### 3 Metáforas "a partir da" posse

Embora a posse possa ser expressa por formas não-possessivas, existem casos em que acontece exatamente o contrário: relações não-possessivas são expressas por meio de formas possessivas, que são o *output* de uma projeção metafórica inversa à anterior, e que chamamos *pseudo-posse*. Citamos aqui só os tipos mais produtivos: a pseudo-posse agentiva e a pseudo-posse locativa.

### 3.1 Pseudo-posse agentiva

Trata-se do caso em que o agente de uma ação se apresenta como o possuidor da forma nominal do verbo: *os teus esforços, as suas tentativas, a nossa separação*. Esses nomes não designam objetos possuíveis, nem partes do corpo ou termos de parentesco. Todas as línguas do nosso corpus admitem essa possibilidade, mas citamos aqui apenas algumas das que representam famílias diferentes.

[8] **português** a *minha* pergunta, a *minha* chegada, os *meus* erros, a *sua* vitória, os *nossos* pecados, a *tua* ajuda; **alemão** *meine* Frage, *meine* Ankunft, *meine* Fehler, *sein* Sieg, *unsere* Sünden, *deine* Hilfe; **grego moderno** η ερώτησή μου (\*a pergunta minha), ο ερχομός μου (\*a chegada minha), τα σφάλματά μου (\*os erros meus), η νίκη του (\*a vitória sua), οι αμαρτίες μας (\*os pecados nossos), η βοήθειά σου (\*tua ajuda); **russo** мой вопрос (\*minha pergunta), мой приезд (\*minha chegada), мои заблуждения (\*meus erros), ego победа (\*sua vitória), наши грехи (\*nossos pecados), моя помощь (\*tua ajuda); **checo** moje otázka (\*minha pergunta), můj příjezd (\*minha chegada), moje chyby (\*meus erros), jeho vítězství (\*sua vitória), naše hříchy (\*nossos pecados), tvoje pomoc (\*tua ajuda); **armênio** im hárts (\*meu pergunta), im gâlê (\*meu chegada), im xalnêra (\*meu erros), nra haxtʰanákə (\*seu vitória), mer mexkʰérə (\*nosso pecados), kʰo okʰnutsjunə (\*teu ajuda); **húngaro** a kérdésem (\*a pergunta+POSS+1ps.), érkezésem (\*chegada+POSS+1ps.), hibáim (\*erros+POSS+1ps.), győzelme (\*vitória+POSS+3ps.), bűneink (\*pecados+POSS+1ps.PL), segítséged (\*ajuda+POSS+2ps.); **finlandês** kysymykseni (\*pergunta+POSS+1ps.), tuloni (\*chegada+POSS+1ps.), virheeni (\*erros+POSS+1ps.), hänen voittonsa (\*seu vitória+POSS+3+ps.), meidän syntimme (\*nosso pecados+POSS+1ps.PL), apusi (\*ajuda+POSS+2ps.); **estoniano** minu küsimus (\*meu pergunta), minu saabumine (\*meu chegada), minu vead (\*meu erros), tema võit (\*seu vitória), meie patud (\*nosso pecados), sinu abi (\*teu ajuda); **udmurtio** мынам юанэ (\*meu pergunta+POSS+ps.), мынам вуэме (\*meu chegada+PARTICIP+POSS+ps.), мынам янгышьёсы (\*meu erros+POSS+ps.), мынам вормеме (\*meu vitória+PARTICIP+POSS+ps.); **basco** nire galdera (\*meu pergunta+o), nire iristeak (\*meu chegada+os), nire akatsak (\*meu erro+os), haren garaipena (\*seu vitória+a), gure bekatuak (\*nosso pecado+os), zure laguntza (\*teu ajuda); **abkhaz** sztza:ʼfa (\*eu+pergunta), sa:ʼfa (\*eu+chegada), sigxaʼkwa (\*eu+erros), jajʼfa (\*ele+vitória), xagxaʼkwa (\*nos+pecados), utsxʼfafa (\*tu+ajuda);

[9] **uzbeco** mening savolim (\*meu pergunta+POSS+1ps.), mening kelishim (\*meu chegada+POSS+1ps.), mening hatolim (\*meu erro+POSS+1ps.), unig gʻalabasi (\*seu vitória+POSS+3ps.), bizning gunohlarimiz (\*nosso pecado+PL+POSS+1ps.PL), sening yordaming (\*teu ajuda+POSS+2ps.); **tártaro** soraym / минем soray / (\*pergunta+meu / \*meu pergunta+POSS+1ps.), килҮем (\*chegada+meu), минем хаталарым (\*meu erro+PL+POSS+1ps.), джигьҮе/ анын джигьҮ (\*vitória+seu / \*seu vitória+POSS+3ps.), гонахларыбыз / безнек гонахлар / (\*pecado+PL+nosso / nosso pecado+PL); **árabe** suʼal-i (\*pergunta+minha), wusul-i (\*chegada+minha), ajtaʼ-i (\*erros+meus), intisar-u-hu (vitória+sua), dinubu-na (pecados+nossos), musaʼadata-ka (ajuda+tua); **hebraico** sheʼelati (\*pergunta+minha), hagaʼati (\*chegada+minha), hataʼujot sheli / taʼujotay (\*os+erros meus / \*erros+meus), hanitsaxon sjelo (\*a+vitória sua) / nitsxono (\*victoria+sua); **chinês** wǒ de wénti (\*eu POSS pergunta), wǒ de dàodá (\*eu POSS chegada), wǒ de nàxiè (\*eu POSS erro), tā de shènglǐ (\*ele POSS vitória), wǒmen de nàxiè zuìgou (\*eu+PL+HUM POSS pecado), nǐ de bāngzhù (\*tu POSS ajuda); **japonês** watashi no shitsumon (\*eu POSS pergunta), watashi no touchaku (\*eu POSS chegada), watashi no machigai (\*eu POSS erro), kare no shouri (\*ele POSS vitória), watashitashi no zaigou (\*nos POSS pecados); **anata no tetsudai** (\*tu POSS ajuda); **vietnamita** câu hỏi của tôi (\*pergunta POSS eu), tôi điem (\*chegada POSS eu), lỗi của tôi (\*erro POSS eu), chiến thắng của anh ấy (\*victoria de ele), tôi lỗi của chúng tôi (\*pecados POSS PL eu), sự giúp đỡ của bạn (\*ajuda POSS tu); **malaio** soalan saya (\*pergunta eu); ketibaan saya (\*chegada eu); kesilapan saya (\*erro eu); kemenangan nya (\*vitória ele); dosa-dosa kita (\*pecado-PL nos); bantuan anda (\*ajuda tu);

[10] **guarani** che porandu (\*eu pergunta), che gʻuahẽ (\*eu chegada), che jejavykue (\*eu erros), ipu ʼaka (\*ele vitória), ñane angaipa (\*nos pecados), ne pytyvõ (\*tu ajuda); **quechua** tapuna-y (\*pergunta-eu), chayana-y (\*chegada-eu), panta-y-kuna (\*erro-eu-PL), llalliku-n (\*vitória-ele), huchay-ni-nchis (\*pecado-nos-INCL), yapana-yki (\*ajuda -tu) (Calvo 2004); **nahuatl** nehhuatl ni-hual mo-cuepa (\*eu meu-vir de-volta "estou voltando" (Medina et al. 1999); yucateco k-in kuchik (\*ACT-eu cargo) > in kooch (\*meu carga) "minha carga"; t-in xookik (\*PROG-eu leio) "estou lendo" > in xook (\*meu leitura) "minha leitura" (Alcocer 2002:104); **tzotzil** iyul (chegou) > nax to syulel (\*cedo foi seu+chegar), iyul li Xun e (chegou João) > nax to syulel li Xun e (\*cedo foi seu+chegar o João) (Haviland 1999).

<sup>3</sup> Em guarani e quechua a simples justaposição é uma forma normal para indicar posse, e também em malaio e abkhaz. Em nahuatl e tzotzil é necessária uma marca de posse inalienável para uma ação.

### 3.2 Pseudo-posse locativa

Em algumas línguas, as construções que localizam espacialmente algo ou alguém, com respeito à pessoa gramatical, o fazem através de formas possessivas (à minha frente, ao teu lado).

[11] espanhol *delante mío, al lado tuyo, detrás mío, a tu izquierda*; catalão *davant meu, al teu costat, a la teva esquerra*; nahuatl *no-pan* (\*meu-acima), *i-pan* (\*seu acima), *no-cpac* (\*meu-sobre), *nanmo-tzala* (\*vosso-entre) (Medina et al., 1999); *awā'ot* (\*proximidade ele [=dele+INAL]) (Boas 1991:393); apache *bioghe'* (\*seu dentro), *bioká* (\*seu acima) (Hoijer, 1938).

Mas esta "apropriação" do espaço acontece sobretudo em construções em que o lugar em que a pessoa está (aonde vai, de onde vem, etc.) é apresentado como se pertencesse a ela. Citamos aqui só o exemplo do português *minha rua*, lugar onde moro mas que não é "realmente" meu:

[12] espanhol *mi calle* (\*minha rua); francês *ma rue* (\*minha rua); inglês *my street* (\*minha rua); alemão *meine Straße* (\*minha rua); sueco *min gata* (\*minha rua); russo *моя улица* (\*minha rua); esloveno *moja ulica* (\*minha rua); checo *naše ulice* (\*nossa rua);<sup>4</sup> grego *ο δρόμος μου* (\*a rua minha), armênio *im րոյոտս* (\*minha rua); húngaro *utcám* (rua+POSS+1ps.), finlandês *katuni* (\*rua +POSS+1ps.), udmurtio *мынам урам* (minha rua+POSS+1ps.); vasco *nire kalea* (\*mi rua+ART); bereber *rifenho* [zinqəθ inU:] (\*street+POSS my); árabe *šarī'-i* (\*rua +minha); árabe dialetal marroquino *z'kli* (\*rua+meu); hebraico *harexov sheli* (\*ART+ rua meu); tártaro *минем урам* (\*meu rua) / *урамым* (rua+POSS+1ps.) / *минем урамым* (\*meu rua+POSS+1ps.); turkmeno *menin koçam* (\*meu rua+POSS+1ps.), uzbeko *mening kóçam* (\*meu rua+POSS+1ps.); japonês *uti no toori* (\*nosPOSS rua);<sup>5</sup> guarani *che rape* (\*eu rua); quechua *k'ikllu-y* (\*rua-eu) (Calvo, 2004).

Algumas línguas não aceitam essa extensão de posse para a rua em que mora uma pessoa:<sup>6</sup>

<sup>4</sup> A fala coloquial prefere um PSR plural ("nossa rua").

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Cf. outros casos parecidos em Pamies (2001 e 2003), como prt. *a minha universidade* vs. jap. *watashi ga tookoo shite iru daigaku* (\*eu que estudar ir universidade).

[13] estoniano *seal tänaval kus ma elan* (\*esta+ADESS rua+ADESS onde eu moro) \*esta rua sobre a qual eu moro?; malaio *jalan ke rumah saya* (\*estrada a casa eu); chinês *wó zhù de kiè* (\*eu morar de rua); vietnamita *phố tôi ở* (\*rua eu morar).

### 4 Conclusão

Os exemplos aqui examinados constituem apenas uma pequena amostra: as possíveis projeções interconceptuais são mais variadas: não temos falado da pseudo-posse transitiva – *o seu enterro, o seu retrato* – da pseudo-posse comitativa – *o meu pai, os meus amigos, o meu advogado* –, nem da pseudo-posse temporal – *minha idade, minha infância*– (cf. Pamies, 2001, 2003). O número de línguas da amostra também é pequeno. Mesmo assim, achamos que o que temos visto até aqui parece suficiente para arriscar as hipóteses seguintes:

1) A oposição INAL/ALIEN, seja discreta ou gradual, universal ou particular, fundamenta-se essencialmente em características ontológicas do PSM. Por isso não basta para dar conta da diversidade da expressão da posse: porque ambas relações podem por sua vez ser objeto de metáforas gramaticalizadas, para qualquer tipo de PSM. Nesse sentido, o enfoque cognitivista tem um grande poder explicativo intra-lingüístico e trans-lingüístico.

2) Concomitantemente, estas metáforas gramaticalizadas manifestam dois tipos de projeções, em "direções" contrárias. De um lado, a posse aparece conceptualizada em termos de espaço, destinatário, etc., e, de outro, noções como o espaço, ou a agentividade aparecem ser conceptualizadas em termos de posse. Esses fatos contradizem o princípio de assimetria e uni-direcionalidade, postulado pelos linguistas cognitivistas (Lakoff, 1987, p. 267, 280; Langacker, 1991, p. 68; Heine, 1997, p. 94; Nikiforidou, 1991, p. 166). Em nossa opinião, os dados empíricos sobre as construções possessivas e pseudo-possessivas fornecem uma prova a mais de que o princípio da assimetria das projeções, apesar de sua importância para a coerência interna da teoria cognitiva da metáfora, não corresponde à realidade.

<sup>7</sup> Parece que em estoniano, hoje, também é possível "minha rua", mas alguns informantes não aceitam essa forma que consideram um empréstimo "incorreto" do russo. O nosso exemplo malaio também foi objeto de discussão e, de fato, encontramos "jalan saya" (\*rua eu) na internet mais vezes do que *jalan ke rumah saya*.

## 5 Referências

- ALCOCER CANTILLO, R. *Método de enseñanza y aprendizaje de la lengua maya*. Mérida (Yucatán): Edición del autor, 2002.
- BALLY, Ch. (1926). L'expression des idées de sphère personnelle et de solidarité dans les langues indoeuropéennes. In: FAUNKHAUSER; JUD (eds.). *Festschrift Louis Gauchat*. Aarau: Sauerländer (English reed. in Chapell. & McGregor [eds.], 1996).
- BAUTISTA CRUZ, C.; HASLER HANGERT, A. *Gramática moderna del nahua del sur de Vera Cruz*. Zaragoza (Méjico): Ayuntamiento / CPDZ, 2000.
- BOAS, F. *Handbook of American Indian Languages*. v. 1. Smithsonian Institution. Washington, D.C., Bureau of American Ethnology, *Bulletin* 40, 1911.
- BOLKESTEIN, M. Genitive and dative possessors in Latin. In: DIK, S. C. (ed.). *Advances in functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1983, p. 55-91.
- CALVO, Julio. Comunicação pessoal. 2004.
- CAMPBELL, L. *The Pipil language of El Salvador*. Berlin: Mouton, 1985.
- CHAMOREAU, C. Expresión del origen en purépecha o un caso de sincronía dinámica", *I Simposio de Lingüística Amerindia*. Mérida: Universidad Autónoma de Yucatán (en prensa), 2003.
- CHAPELL, H. Inalienability and the personal domain in Mandarin Chinese discourse. In: CHAPPELL, H.; MCGREGOR, W. (eds.). *The grammar of inalienability: a typological perspective on body parts terms and the part-whole relation*. Berlin & New York: Mouton De Gruyter, 1996, p. 465-528.
- ; MCGREGOR, W. (eds.). *The grammar of inalienability: a typological perspective on body parts terms and the part-whole relation*. Berlin & New York: Mouton De Gruyter, 1996.
- CLARK, E. V. Locational: existencial, locative and possessive constructions. In: GREENBERG, J. et al. (eds.). *Universals of human language*. Standford University Press, 1978, v. 4, p. 85-126.
- COSTA OLID, A. *El posesivo en español*. Universidad de Sevilla, 1981.
- DAHL, Ö.; KOPTJEVSKAJA-TAMM, M. Alienability splits and the grammaticalization of possessive constructions. In: HAUKIOJA, T. (ed.). *Papers from the 16th Scandinavian Conference of Linguistics*. Turku: Turun Yliopisto, 1998.
- ; ———. Kinship in grammar. In: HERSLUND, M.; BARON, I.; SØRENSEN, F. (eds.). *Dimensions of Possession*. Amsterdam: Benjamins, 2001.
- HAGÈGE, C. Opérations syntaxiques et explications sémantiques en linguistique fonctionnelle (exemple de la possession inaliénable). *Actes du IVE Colloque international de linguistique fonctionnelle*. Oviedo: Universidad, 1978, p. 179-184
- HAIMAN, J. *Iconicity and syntax*. Cambridge University Press, 1985.

- HAMMARBERG, B.; KOPTJEVSKAJA-TAMM, M. Adnominal possession: combining typological and second language perspectives. To appear in: GIACALONE-RAMAT, A. *Typology and Second Language Acquisition*. Berlin: Mouton, 2003, p. 125-180.
- HAVILAND, J. The Tzotzil of Zinacantán. <<http://www.zapata.org>>. 1999.
- HEINE, B. *Possession: cognitive sources, forces and grammaticalization*. Cambridge / New York: Cambridge University Press, 1997.
- HERSLUND, M.; BARON, I. Introduction. In: HERSLUND, M.; BARON, I.; SØRENSEN, F. (eds.). *Dimensions of Possession*. Amsterdam: John Benjamins, 2001, p. 1-25.
- HERSLUND, M.; BARON, I.; SØRENSEN, F. (eds.). *Dimensions of Possession*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- HINMAN SMITH, J. *Manual of spoken Tzeltal*. Ed. M. Bertens, 1999. <<http://www.tzeltal.org/download/smith.txt>>
- HOIJER, Harry *Grammatical Sketch of Chiricahua and Mescalero Apache*. Chicago: University Press, 1938.
- ISAČENKO, A. V. On have & be languages: a typological sketch. In: FLIER, M. (ed.). *Slavic Forum, Essays in Linguistics and Literature*. The Hague/ Paris: Mouton, 1974, p. 43-77.
- KÖNIG, E.; HASPELMATH, M. Les constructions à possesseur externe dans les langues de l'Europe. In: FEUILLET, J. (ed.). *Actance et valence des langues de l'Europe*. Berlin: Mouton-De Gruyter, 1995.
- KOPTJEVSKAJA-TAMM, M. Genitives and possessive NPs in the languages of Europe. In: PLANK, F. (ed.). *The Noun Phrase in the Languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.
- . Adnominal possession. In: HASPELMATH; König (eds.). *Handbuch der Typologie*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002.
- LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things: what Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University Press, 1987.
- ; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980. (Trad. esp.: *Metáforas de la vida cotidiana*. Madrid: Cátedra, Colección Teorema 1995.)
- LAMIROY, B.; DELBECQUE, N. The possessive dative in Romance and Germanic languages. In: van BELLE; van LANGENDONCK (eds.). *Casus and grammatical relations across languages*. Amsterdam: John Benjamins, 1998, v. 2, p. 29-74.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Standford University Press, 1991, v. 2.
- . Possession and possessive constructions. In: TAYLOR; McLAURY (eds.). *Language and the Cognitive Construal of the World*. Berlin/ New York: Mouton-DeGruyter, 1995, p. 51-79.

LAUNAY, M. Grammaire Palikur  
<[http://www.cayenne.ird.fr/recherches/langues\\_de\\_guyane/PDF/palikur1.pdf](http://www.cayenne.ird.fr/recherches/langues_de_guyane/PDF/palikur1.pdf)>. 2001.

LEHISTE, I. Being and having in Estonian. *Foundations of Language*, n. 5, p. 324-341, 1969.

LÉVY-BRUHL, L. L'expression de la possession dans les langues mélanésiennes. *Mémoires de la Société Linguistique de Paris*, v. 19, n. 2, p. 96-104, 1914.

LYNCH, J. Verbal aspects of possession in melanesian languages. *Working Papers in Linguistics*, Honolulu, v. 5, n. 9, 1973.

MANOLIU-MANEA, M. Inalienability and topicability in Romanian: pragma-semantics and syntax. In: CHAPPELL, H.; MCGREGOR, W. (eds.). 1996, p. 711-743.

MARLETT, Stephen. *An Introduction to Phonological Analysis*. SIL & University North Dakota, 2001. <<http://www.sil.org/mexico/ling/Phonology-Marlett/E004-PhonAll.pdf>>.

MEDINA RAMOS G.; TAFFE, W. J.; TAFFE, B. J. *Nahuatl*. San Pedro Cholula (Puebla): Casa de Cultura de Cholula, 1999.

MITHUN, M. Multiple reflections of inalienability in Mohawk. In: CHAPPELL, H.; MCGREGOR, W. (eds.). *The Grammar of Inalienability*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1996, p. 633-649.

———. The difference a category makes. In: HERSLUND, BARON; SØRENSEN (eds.). *Dimensions of Possession*. Amsterdam: John Benjamins, 2001, p. 285-310.

MONZÓN, C. Los morfemas p'urhépecha -ku y -ta en el contexto de morfemas de espacio. *I Simposio de Lingüística Amerindia*. Mérida: Universidad Autónoma de Yucatán (en prensa), 2003.

NICHOLS, J. On alienable and inalienable possession. In: SHIPLEY, W. (ed.). *In Honor of Mary*. Haas: From the Haas Festival Conference on Native American Linguistics, Berlin: Mouton de Gruyter, 1988, p. 557-610.

NIKIFORIDOU, K. The meanings of the genitive: a case study in semantic structure and semantic change. *Cognitive Linguistics*, n. 2, p. 149-205, 1991.

PAMIES, A. (2001). Sémantique grammaticale de la possession dans les langues d'Europe. In: CASTAGNE, Éric (ed.). *Modélisation de l'apprentissage simultané de plusieurs langues apparentées*. Nice: Université Sophia-Antipolis, 2002.

———. La conceptualización de la posesión e las lenguas americanas. *I Simposio de Lingüística Amerindia*. Mérida: Universidad Autónoma de Yucatán (en prensa), 2003.

PICKETT, V. B.; BLACK, C. (1998 [2001]). *Gramática popular del zapoteco del Istmo*. SIL-Vicente Marcial. Reed electrónica 2001 en <<http://sil.org/mexico/istmo/G023a-Gramatica-Zaplstmo-ZAI.htm>>.

PLANK, F. (ed.). *The Noun Phrase in the languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, s.d.

POTTIER, B. *Introduction à l'étude de la morphosyntaxe espagnole*. Paris: Ediciones Hispanoamericanas, 1963.

SEILER, H. *Possession as an Operational Dimension of Language*. Tübingen: Gunther Narr, 1983.

TAYLOR, J. R. (1996). *Possessives in English*. Oxford-New York: Oxford University Press, reed. 2000.

TSUNODA, T. The possession cline in Japanese and other languages. In: CHAPPELL, H.; MCGREGOR (eds.). 1996, p. 566-630.

ULTAN, R. Towards a typology of substantival possession. In: GREENBERG, J. et al. (eds.). *Universals of Human Language*. Stanford University Press, 1978, v. 4, p. 11-50.

VELÁZQUEZ, M. *The grammar of possession: inalienability, incorporation and possessor ascension in Guaraní*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1996.

WIERZBICKA, A. *The Semantics of Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

ZIMEK, R. K chápaní posesívnosti. In: *Rusko-Česke Studie*, Praha, 1960, p. 131-156.